



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PARAÍBA MASCULINA, MUIÉ MACHO, SIM, SINHÔ:

**UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA MÚSICA/TEXTO “PARAÍBA” DOS
COMPOSITORES LUIZ GONZAGA E HUMBERTO TEIXEIRA**

Autor: Francisco das Chagas Carneiro da Rocha; Coautores: Emídio Pereira Maravilha; Fábio Ferreira Lopes; Yana Patrício Miranda; Orientador: Francisco José Dias da Silva

(Universidade Estadual da Paraíba, fcaguinhas41@yahoo.com.br, emidioprofessoristoria@yahoo.com.br, fabio.ferreiralopes@hotmail.com; yanapmiranda@gmail.com, franjosedias@yahoo.com.br,)

RESUMO

Este estudo deu-se a partir de uma experiência vivenciada com alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Antonio Fernandes de Medeiros – Malta/PB que se mostraram interessados em estudar e conhecer a cultura e formação identitária do homem sertanejo, das quais os próprios alunos fazem parte, tendo como base textos sob o formato de música da cultura popular nordestina, sobretudo do cancioneiro Luiz Gonzaga. Autor e coautores mostraram-se interessados em aprofundar esse estudo, buscando, nas teorias da Linguística e Semiótica, subsídios para verificação e análise da proposta apresentada, dando-lhe significado a partir dos discursos subjacentes na letra da música “Paraíba”, objeto de estudo deste trabalho, que foi analisada à luz da Linguística e Semiótica, nos três segmentos: - estrutura narrativa, discursiva e fundamental. Justifica-se a escolha deste cantor e compositor para a realização dessa pesquisa pela relevância de se trabalhar o texto em forma de música que, sem margem de dúvida, vai ao encontro do universo onde o aluno está inserido, aproximando-o de sua realidade e por considerar que este tipo de texto se constitui num instrumento que permite ao aluno a assimilação dos conteúdos de Língua Portuguesa e de áreas do conhecimento a partir de uma dinâmica de trabalho inovadora. A metodologia utilizada foi a abordagem bibliográfica com base em estudos teóricos da Linguística e da Semiótica sobre a música “Paraíba” com atenção voltada para os temas utilizados na composição de seu texto.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística, Semiótica, Luiz Gonzaga, Cultura, Identidade.



INTRODUÇÃO

A história da formação da identidade e cultura do homem sertanejo e sua inserção no universo da chamada sociedade pós-moderna encontra na literatura nacional projetos cujos escritores direcionam seus olhares para compreender de que modo as imagens, os discursos e as representações produzidos por eles contribuíram como papel fundamental na formação da identidade e da cultura do homem na categoria de sertanejo.

Neste sentido invocamos Euclides da Cunha para entendermos a importância e o grau de influência de seus escritos para a construção de um discurso a respeito da identidade da nação brasileira, sobretudo no que tange à construção de uma etnografia do povo sertanejo.

Como um dos maiores pioneiros a descrever o sertão com um olhar de quem não escreve de longe, Euclides defende o sertanejo, representa-o, explica-o e o interpreta tendo a si mesmo como referência, seus parâmetros, suas vivências de homem urbano, oriundo da classe letrada. Com aspecto de autoridade e revelador da arte de ensinar o outro, mesmo que numa posição de homem culto frente ao inculto, ou ainda, o homem da ciência, o civilizado, frente ao bárbaro que precisa ser inserido nos padrões da civilização da sociedade, dos embates entre o fraco e o forte, razão pela qual trazemos à memória Hércules-Quasímodo – aquele caracteriza um personagem da mitologia, retratado por ter uma força incomum; este caracteriza uma personagem corcunda da obra *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo e ainda titã – personagem da mitologia; pessoa dotada de força extraordinária. A recorrência a estes personagens da mitologia se justifica pelo fato de que a mitologia representa tanto a braveza quanto a fealdade típica dos fracos. No caso do sertanejo frente ao imaginário de seca e de morte em detrimento de fenômenos naturais que o obriga a deixar sua terra e sua gente a procura de novas perspectivas de vida, na esperança que o tempo associado ao seu imaginário impregnado de uma realidade que desmitifica e desconstrói a árdua imagem da seca e da morte o faça regressar para o reencontro físico e decantado pela arte literária onde sua utopia, seus sonhos, suas esperanças recriam seu mundo ou espaço real para manter vivas as raízes nordestinas a exemplo de sua cultura, onde situamos o sertanejo. Essa relação entre o real e o imaginário que é impossível de ser desvinculada é corroborada por Nóbrega (2011):

O imaginário da utopia, o imaginário da morte, o imaginário da seca e o imaginário do tempo, amalgamados, fundem-se para ressaltar o caráter de um imaginário literário, de raízes nordestinas, que esteia uma visão de mundo compatível com o universo da cultura, desdobramentos em vieses interculturais.



Entre cortes e recortes, os discursos e as imagens não se perderam no tempo (passado/presente) graças à memória trazida e reavivada nas dobras do próprio tempo, logo imagens e discursos estão em toda parte e, como vimos, oscilam entre o real e o imaginário.

Aqui abrimos um parêntese para trazer à tona o “sertão” e colocar que ainda hoje em tempos pós-modernos a sociedade brasileira o concebe como um espaço “atrasado” e sua gente como “bárbara” discriminadas por viverem na roça ou em pequenas cidades, sendo diminuídas por apresentarem uma cultura inferior.

Discorrer sobre o sertão, sobretudo o “sertão paraibano” seria impossível sem conclamar para a discussão a figura imortalizada de Luiz Gonzaga e toda a contribuição de seu legado de produção musical considerando, obviamente, sua importância para a compreensão da história identitária e cultural do homem sertanejo que também é pautada em discursos e imagens veiculados a partir de suas músicas que ficaram imortalizadas na memória e no cotidiano do nosso povo.

Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, alçou voos durante grande parte de sua vida cantando as tristezas vividas pelo sertanejo e, ao mesmo tempo, revelando a braveza desse homem imbuído de cultura, costumes, crenças e sentimentos, aspectos típicos do homem do sertão nordestino, criando assim, a identidade de um povo forte que traz impresso em sua pele como filosofia de vida o pensamento de Euclides da Cunha quando diz que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”

O presente artigo teve como objeto de estudo a letra da música “Paraíba” dos compositores Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, em que nos propusemos realizar uma análise semiótica e linguística da mesma com o objetivo de compreendermos os aspectos ideológicos que constroem a identidade e a cultura do homem sertanejo paraibano.

Motivado pela análise textual no plano da significação, o professores-pesquisadores lançaram mãos de algumas teorias Linguísticas e Semiótica como meios de encontrar aportes para examinar a significação da referida música que foi analisada sob a ótica da Semiótica nos três segmentos: estruturas narrativas, discursivas e fundamental.

Diante do exposto levantamos o seguinte questionamento: *Quais elementos encontrados na letra da música “Paraíba” dos compositores Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira são indispensáveis à construção da identidade e cultura do homem sertanejo paraibano?*

METODOLOGIA



A fim de responder a esta problemática, é objetivo geral deste trabalho *analisar quais os elementos encontrados na letra da música “Paraíba” que constroem a identidade e a cultura do homem do sertão paraibano.*

Nesse sentido, é objetivo específico desse estudo:

Identificar quais os elementos da música “Paraíba” que ajudam na construção da identidade e cultura do homem do sertão paraibano.

Justifica-se a escolha deste cantor e compositor para a realização desse trabalho pela relevância de se trabalhar o texto em forma de música, que sem margem de dúvida vai ao encontro do universo onde o aluno está inserido, aproximando-o de sua realidade e considerando que este tipo de texto constitui-se num instrumento que permite ao aluno a assimilação dos conteúdos de Língua Portuguesa e de outras áreas do conhecimento a partir de uma dinâmica de trabalho inovadora.

Defende-se que este trabalho trouxe também muitas contribuições tanto para a comunidade escolar onde a pesquisa foi realizada quanto para a academia visto que será um dispositivo rico em informações e conhecimentos que poderão auxiliá-los nos estudos de pesquisas com fins pedagógicos como também motivará na produção de outros projetos que discutam sobre questões da identidade e cultura do homem sertanejo paraibano.

Os procedimentos teórico-metodológicos que fundamentaram o desenvolvimento dessa pesquisa e o tratamento que se deu à constituição e interpretação das fontes, basearam-se na concepção de que a abordagem de um determinado processo histórico depende da capacidade de se compreender como os sujeitos sociais significam as suas próprias práticas. Nesse sentido, a tarefa que se apresentou, de início, do ponto de vista metodológico, seria a de aprofundar a leitura e revisão bibliográfica voltada para a temática da constituição e importância dos discursos e imagens que estavam por detrás dessas práticas discursivas. Assim alguns autores de forma incisiva contribuíram para o adensamento teórico-metodológico, conforme o preceituado a seguir.

Utilizou-se a Pesquisa Documental como recurso metodológico para a realização dessa pesquisa por entender que a mesma oportunizou uma análise de documentos com recorrência à metodologia da análise documental. Sendo assim considerou-se pertinente a utilização deste modelo de abordagem que segundo Oliveira (2007, p. 69):

A principal finalidade da pesquisa bibliográfica é proporcionar aos pesquisadores o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo: “o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mais importante para quem faz opção é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas jamais são reconhecidamente do domínio científico” (p.69). Ela se posiciona sobre a pesquisa documental: “a documental caracteriza pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (p.69).

Para compreendermos melhor o fenômeno estudado recorreremos à Pesquisa Bibliográfica que de acordo com Beuren e Raupp (2008) é desenvolvida com base em material já elaborado, sobretudo livros e artigos científicos. O material consultado na Pesquisa Bibliográfica abrange todo referencial já tornado público em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, livros, pesquisas, monografias, dissertações, entre outros.

RESULTADOS

MÚSICA “PARAÍBA”

LUIZ GONZAGA E HUMBERTO TEIXEIRA

Quando a lama virou pedra,
E mandacaru secou,
Quando ribaçã, de sede,
Bateu asa e voou,
Foi aí que eu vim me embora,
Carregando a minha dor.
Hoje eu mando um abraço
Pra ti, pequenina
Paraíba masculina,
Muié macho, sim, sinhô.
Paraíba masculina,
Muié macho,
Sim, sinhô.

Eita, pau pereira!
Que em Princesa já roncou!
Eita, Paraíba!
Muié macho, sim, sinhô!
Eita, pau pereira!



Meu bodoque não quebrou.
Hoje eu mando um abraço
Pra ti, pequenina
Paraíba masculina, muié macho, sim sinhô,
Sim, sinhô.

Eita, eita!
Muié macho, sim, sinhô!
Eita, eita!
Muié macho, sim, sinhô!
Muié macho, sim, sinhô!
Muié macho...
Sai pra lá, peste!...
Sim, sinhô!

A saudade é o tema principal que perpassa por todo o tecido do texto Paraíba.

No texto (música) Paraíba, o Sujeito Semiótico 1 (S1), que constitui o eu-enunciador, é materializado por um querer-fazer e encontra-se disjuncto do seu Objeto de Valor 1 (OV1). O Sujeito Semiótico 2 é representado pela ribaçã através do poder-fazer que termina a narrativa com a conjunção com seu Objeto de Valor 1 (OV1).

Percebe-se no texto Paraíba que o espaço é representado pelo estado paraibano que simboliza um espaço eufórico e Princesa representa, simultaneamente, um espaço disfórico e eufórico.

No texto “Paraíba” percebemos que o eu-enunciador sente saudade da sua terra em razão do alastramento da seca na região.

Assim sendo, o eu-enunciador tem a possibilidade de matar a saudade de sua gente, de um povo bravo e cheio de esperança, de homens e mulheres de caráter forte, sertanejos fervorosos, cuja identidade não se destrói diante do fenômeno natural que é a seca e essa possibilidade é aguçada através da música onde o abraço ganha espaço e imagem e reproduz seu amor pela sua gente.



É importante ressaltar que a seca o separa de sua gente, de seu ambiente simples, mas esse ambiente é rico em valores sociais e culturais e, quando a seca chegar ao fim, o homem que foi embora de sua terra natal volta para rever toda a sua gente que ficou naquele torrão.

Em Paraíba, o espaço é preenchido por gente que não desiste, por pessoas cheias de esperança, por homens e mulheres de sangue forte, indivíduos resistentes, homens que letrados ou iletrados detêm uma cultura oriunda dos bons costumes, das regras de boas convivências, dos valores corretos, da sabedoria adquirida no dia a dia, do convívio familiar e social.

Cordeiro (2008, p. 63) ao falar do homem nordestino e aqui incluímos o homem sertanejo de forma legítima exaltado nas músicas de Luiz Gonzaga, define o nordestino como: simples, trabalhador, alegre, de valores rígidos, como muito valor a sua terra, com crenças bem definidas, possuidor de uma linguagem regional e particular, marcada pela oralidade, e acima de tudo guardião das tradições nordestinas.

Ao longo do percurso da análise da música, foi possível aos pesquisadores detectar a ideologia bem como os valores subjacentes à música “Paraíba” de Luiz Gonzaga, como se percebem nas reflexões que se seguem.

Em Paraíba o tema discutido aponta para a conjunção de valores que constrói à identidade do homem sertanejo, entendendo que essa construção é disseminada a partir de uma diversidade grupal ou individual, sendo, obviamente, uma expressão tipicamente cultural. Percebe-se, ainda, na análise o questionamento de um tema que conjuga uma realidade no tempo passado e se estende no tempo presente.

Na música “Paraíba”, encontra-se a imagem do homem cuja característica peculiar é sua convivência no campo, com sua gente e com seus valores. E são exatamente esses costumes cotidianos onde reside à valorização do homem sertanejo que, como nem um outro sabe cuidar e viver na sua terra de origem, pois o sertanejo está intimamente ligado à sua terra onde sua vida foi construída.

Mesmo que o sentimento da saudade o leve a um sofrimento profundo, ele não perde a esperança de um dia regressar e rever seus conterrâneos e assim expressar todo seu afeto através do abraço.

O eu-enunciador fala das coisas do sertão e do sertanejo e o caracteriza como um indivíduo que é sempre sensível, que vive a saudade, a sede, a necessidade, o desejo, a vontade, a fé, a esperança, a confiança e a braveza, características que fazem parte do conjunto de valores que



constroem a natureza humana e imprime no indivíduo a realização de seus sonhos, objetivos e ideais.

Luiz Gonzaga em suas composições, principalmente, na canção “Paraíba” fala com muita propriedade do homem sertanejo. O Rei do Baião, foi um homem de pouca leitura, mas que realmente conheceu o mundo e os valores onde vivem os sertanejos. Por isso pode-se dizer que Luiz Gonzaga é um porta-voz de representação do mundo dos sertanejos.

DISCUSSÃO

De acordo com o nível narrativo, infere-se que o Sujeito Semiótico 1 (S1) está literalmente representado através do eu-enunciador. O eu-enunciador vive uma forte experiência desabrochada na saudade que constrói o Destinator (Dor). Motivado pela saudade, o Sujeito Semiótico apresenta como Objeto de Valor (OV1) regressar à Paraíba, lugar de onde ele emigrou em consequência da seca que assolava. Esta representa o Oponente, causa responsável que o obrigou a deixar a Paraíba. O Sujeito Semiótico tem como Adjuvante a dor, ou seja, o sofrimento, aspectos antagônicos que perdem suas forças de fragilidade dando construção à imagem do homem que renova suas forças, suas esperanças, sua braveza, sua coragem reforçando que o “Sertanejo é, antes de tudo, um forte”, que vê na dor e no sofrimento a possibilidade de dias melhores.

O Sujeito Semiótico embebido de tanta saudade gerada pela distância de sua terra natal sente-se impossibilitado de regressar à Paraíba, devido à tônica da seca e resolve exaltar a Paraíba (OV2), expressando seu amor, seu sentimento ao Estado, enviando-lhe um “abraço”, como um ato de solidariedade a todos os sertanejos. E como não poderia ser diferente, esse abraço chegaria aos seus destinatários apenas e somente se ele compusesse uma música, a que chamamos de (OV3), pois a música traria força e renovaria a esperança do homem paraibano.

Percebe-se, obviamente, que o Sujeito Semiótico é um sujeito de um querer-fazer, vive um conflito, uma tensão gerados pelo desejo de voltar à terra natal, mas o fenômeno natural, ou seja, a seca o impede, assim ele vale-se da canção para extrapolar o limite da brusca realidade em que vive e manda um abraço através da música ao povo que lá deixou.

O Sujeito Semiótico 2 (S2) é representado por um elemento próprio do meio natural onde vive o sertanejo em busca de novas perspectivas de vida: a ribaçã. Esta se encontra numa sede insaciável a que chamamos de Destinator (Dor) cujo Objeto de Valor (OV1) é saciar sua própria sede. Seu Adjuvante são as asas que conotam a possibilidade de transpor os limites, de ir longe, de



romper com a imobilidade e de fazer entender que o sertanejo, mesmo experienciando uma brusca seca é capaz de sobressair-se, de reerguer-se, pois culturalmente ele é forte, é corajoso, é esperançoso. O Sujeito Semiótico 2 (ribeirão) é sujeito também do querer-fazer, ou seja, de um querer beber água, e esse querer é questão de poder-fazer, ou seja, de ir à busca de água, de conhecer outros lugares que não sejam aquele onde ele se encontrava. Esse querer-fazer e poder-fazer representa a personificação da força e do poder do sertanejo de fixar-se em lugares que não há perspectiva de vida, mas fortalecido pelo sangue que corre em suas veias, homem de sangue quente, fervoroso na fé, de boa índole, culturalmente foi preparado para resistir aos maus tempos, sempre esperançoso e confiante na vida.

Discutindo sobre a música “Paraíba” (Luiz Gonzaga) de acordo com o nível discursivo, percebem-se aspectos linguísticos que dão voz à narrativa, estão estruturados, em sua maioria, em 3ª pessoa do singular. Basta observar as seguintes formas verbais que estão empregadas no pretérito e que representam as ações dos Sujeitos Semióticos (virou, voou, secou, roncou, quebrou). Ressalte-se que a análise discursiva é fundamental para o conhecimento dos aspectos linguísticos dos Sujeitos Semióticos dentro dos textos em geral, pois a língua está intimamente ligada à cultura e a identidade do homem. É por ela e por meio dela que o homem se reconhece sujeito, se comunica com o seu semelhante, interage, faz-se entender e ser entendido. A língua situa o homem no tempo e no espaço. Ela é responsável pela construção da cultura e da identidade do homem.

Olhando por este prisma, encontramos na música os pronomes eu-meu e minha e as formas verbais vim e mando denominados de dêixis enunciatória como ator presente na música. Esses elementos dêixicos caracterizam o que chamamos de debragem espaço-temporal (eu-então-lá). Em Hoje eu mando um abraço pra ti percebe-se uma debragem espacial, mostrando a distância entre o espaço do enunciador (lá) e do enunciatário que representa a Paraíba.

Entende-se por espaço o Estado da Paraíba e o município de Princesa, espaços imprecisos, vagos, indefinidos quanto ao eu-enunciador, onde para o Sujeito Semiótico, esse espaço remete, por inferência, a um lugar distante da Paraíba, onde ele possivelmente estaria quando da composição da música. Entenda-se, também, que Paraíba representa um espaço eufórico e representativo do berço do enunciador, um lugar repleto de amor, que o convida a regressar para rever o povo que lá deixou cujos aspectos físicos revelam uma gente de muita fortaleza e lutadora pelos seus ideais. Já Princesa caracteriza um lugar que não é pacífico, um lugar tenso, um lugar onde há espaço para briga, portanto, é disfórico e, concomitantemente, não deixa de ser um lugar



disfórico e eufórico, pois lá existem homens fortes, corajosos, que lutam para defender o território e sua gente.

O eu-enunciador afirma que foi obrigado a deixar a Paraíba em razão da forte seca. Isso está figurativizado nos versos Quando a lama virou pedra / e o mandacaru secou / quando ribaçã, de sede, / bateu asa e voou, mostrando que a água do açude ou do rio se materializou em lama e depois em pedra forçando o homem a praticar o êxodo rural e a migração das espécies de aves à procura de água para matar a sede. Já a tristeza gerada pela saudade está figurativizada no verso Carregando a minha dor que é fruto da separação de seu povo e de sua terra. Entenda-se que esta dor tem seu viés positivo, pois mantém viva as reminiscências do lugar que tanto ama.

Adentrando nas entrelinhas do refrão Paraíba masculina, mulher macho sim, sinhô, percebemos que o cantor figurativiza uma homenagem expressiva aos paraibanos, sem distinção, sobretudo ao sexo feminino, pela sua coragem e capacidade incomparáveis de lutar para conquistar seus objetivos em quaisquer instâncias da vida cotidiana. Esta homenagem também é traduzida como um reconhecimento aos grandes nomes paraibanos como Augusto dos Anjos, José Pereira, Epitácio Pessoa, João Pessoa, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, etc.

A mulher guerreira e forte é uma alusão às mulheres que não cruzaram os braços às balas, à invasão de Patos de Irerê causada pelas tropas comandadas pelo Tenente Raimundo Nonato e também pelo Sargento Clementino Quelé. Elas foram rendidas por Clementino Quelé, mas resistiram ao confinamento a que foram submetidas no casarão de Patos onde suas vidas quase foram ceifadas por uma explosão de uma bomba, se não tivesse tido o cuidado de um amigo soldado.

José Pereira, chefe político de Princesa, é comparado com a árvore pau-pereira pelo fato de ele não temer às forças de poder da capital, eis o motivo do verso Eita pau pereira, meu bodoque não quebrou, tal verso simboliza a resistência se comparada à madeira do pau-pereira, que é forte e resistente.

A narrativa termina por reafirmar o carinho, a saudade e o amor que o eu-enunciador tem pela Paraíba.

Analisando a letra da música Paraíba à luz das estruturas do nível fundamental podemos encontrar o antagonismo semântico binário básico presença X ausência.

Presença diz respeito a não-ausência e esta diz respeito a não-presença. Ambas sinalizam para o fato de, por meio de uma música, o eu-enunciador tem a possibilidade de enviar um abraço



ao Estado da Paraíba e, por meio dessa mesma música, ele exalta a sua terra e o seu povo. Nesse caso, presença é sinônimo de semântica eufórica.

Ausência e não-presença simbolizam a profunda saudade que o eu-enunciador sente do Estado da Paraíba, motivada pela força brusca da seca que o fez ir embora de sua terra à procura de uma vida digna. Nesse caso, ausência é sinônimo de semântica disfórica.

CONCLUSÃO

Com a inserção de músicas da cultura popular, principalmente de Luiz Gonzaga nas aulas de língua portuguesa para trabalharmos com alunos de ensino médio foi possível verificarmos e analisarmos alguns elementos que constroem a identidade do homem sertanejo/paraibano.

Percebemos que tal recurso constitui uma ferramenta importante e necessária ao aprendizado de nossos alunos. A música da cultura popular como recurso de ensino em sala de aula é mais um suporte para os professores no que se refere ao processo de ensino aprendizagem.

Portanto, espera-se que este trabalho inspire novas investigações acerca da obra de Luiz Gonzaga, como também possa ser um subsídio aos professores e pesquisadores e a quem se interessar por trabalhos desta natureza, tendo na análise semiótica a possibilidade de detectar nos textos, sobretudo músicas da cultura popular, o respaldo necessário à compreensão dos aspectos ideológicos, identitários e culturais que constroem a identidade de um povo, principalmente quando a questão se volta para o sertão e seu povo.

REFERÊNCIAS

BEUREN, I.M.; **Trajetória da Construção de um Trabalho Monográfico em Contabilidade**.
BEUREN, I.M.; RAUPP, F.M.; **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais**. In.
COLAUTO, R.D.; LONGARY, A.A.; PORTON, R.A. de B.; RAUPP, F.M.; SOUSA, M. A. B. de.;
BEUREN, I.M. (Org). **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2008. P. 46-97.

CORDEIRO, Betânia Silva, **As Canções de Luiz Gonzaga sob o olhar da Análise Crítica do Discurso (ACD)**. 2008 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Recife/PE.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CUNHA, Euclides da. O Sertanejo. In: **Os Sertões** (Campanha de Canudos); edição, prefácio, cronologia, notas e índices: Leopoldo Bernucci. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. (Clássicos comentados I). PP 207-208 (Fragmento de texto).

NÓBREGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica**: ensaios sobre o imaginário cultural e literário./ Geralda Medeiros Nóbrega. _ Campina Grande: EDUEPB, 2011.

OLIVEIRA, M.M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.